

Dos protoaustriacos a Menger: uma breve história das origens da Escola Austríaca de Economia

Ubiratan Jorge Iorio *

* Doutor em Economia pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Diretor Acadêmico do Instituto Ludwig von Mises Brasil, Editor Responsável de MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia, *Visiting Professor* da Scuola di Liberalismo da Fondazione Vincenzo Scoppa, de Catanzaro (Itália), Membro do Corpo Editorial da Revista Liber@mente, da Fondazione Vincenzo Scoppa, Membro do *Scientific Board* da *book chain* "Il Liberalismo delle Regole", de Roma (Itália), Sócio Honorário da Associazione Culturale Ludwig von Mises Italia e Membro del Comitato Scientifico e Senior Fellow del Centro Tocqueville-Acton d'Italia.

Área temática: Lecturas em torno de la Escuela Austríaca de Economía

O objetivo desta apresentação é esboçar um resumo de meu novo livro - *Dos protoaustriacos a Menger: uma breve história das origens da Escola Austríaca de Economia* - que está sendo editado pelo Instituto Mises do Brasil. Pretendo apresentar sua estrutura geral, dando ênfase, devido à limitação de tempo, à Introdução ou Exórdio, em que faço algumas considerações gerais sobre história e teoria, sob a perspectiva da Escola Austríaca. Na estrutura do livro, ao Prefácio de Fabio Barbieri segue-se um Proêmio de Alex Catharino, um Exórdio ou Introdução e em seguida, em ordem cronológica, as contribuições para a Escola Austríaca dos pós-escolásticos (séculos XIV e XV) e de dez economistas protoaustriacos, até chegar a Menger, o Fundador. Por fim, segue-se um Posfácio do Professor José Manuel Moreira, da Universidade Católica do Porto.

A Escola Austríaca contemporânea não é um corpo unificado de pensamento e é um grande erro pensar que o seja. Essa advertência do Prof. Peter Boettke ¹ tinha sido antecipada pelo historiador inglês Quentin Skinner em 1969 ², ao escrever que o procedimento de considerarmos a História como um sistema fechado confere aos pensamentos de vários

¹ BOETTKE, Peter: *Back to the future: Austrian economics in the twenty-first century*, capítulo 11) e no Prefácio do livro *Handbook on Contemporary Austrian Economic* [Edgard Elgar, 2010, por ele editado]

² SKINNER, Quentin: *Meaning and Understanding in the History of Ideas* [in: *History and Theory*, Vol. 8, No. 1, 1969]

escritores clássicos uma coerência e um ar geral de um sistema fechado, que podem nunca ter alcançado ou até mesmo sido idealizados para alcançar.

Para Ortega y Gasset, a História é um sistema ³ com um papel muito importante, já que é pelo seu estudo, conhecendo o ambiente, os usos e costumes dos pensadores do passado, que podemos compreender adequadamente o presente para que, no futuro, tentemos evitar o que não deu certo, procurar apreender o que deu certo e, então, aplicá-lo ao estado das artes vigente que, certamente, mudou em relação ao dos estudiosos do passado.

Na verdade, nem a Escola Austríaca nem qualquer outra, em qualquer área científica, jamais foram corpos unificados de pensamento: são conjuntos de fragmentos colhidos aqui e ali de diversos autores e que, com o passar do tempo, foram formando um corpo uniforme e razoavelmente comum de conhecimentos, compartilhado pelos estudiosos de cada tendência.

Isso pode ser dito de outra forma: a História – para usarmos a linguagem de Hayek ⁴ (sugerida por Menger ⁵ em 1871) – é uma *ordem espontânea*, um processo dinâmico de acontecimentos e decisões movidos pela ação humana, porém sem que obedeçam a estruturas previamente planejadas. Mergulhar na História, então, é estudar a ação humana dos nossos antepassados, aprender em que erraram e acertaram e investigar os porquês, de acordo com as circunstâncias das épocas em que viveram. A História, assim como a linguagem e os mercados, é um processo de tentativas e erros, de *procedimentos de descobertas*, dinâmicos e permanentes.

O mesmo Boettke ⁶, no livro *Living Economics*, introduz a ideia de que a economia afeta todas as esferas da vida, nos mercados, em uma cabine de voto, em uma igreja, em família ou em qualquer atividade. Assim sendo, a economia não é um jogo para ser jogado apenas por profissionais inteligentes, mas uma disciplina que aborda as questões práticas mais urgentes, em qualquer momento histórico. Nela estão em jogo a riqueza e a pobreza das nações e a extensão e a qualidade de nossas vidas gira em torno das condições econômicas que nos

³ ORTEGA Y GASSET: Historia como sistema, 1941, in: http://biblio3.url.edu.gt/Libros/his_com.pdf

⁴ HAYEK, Friedrich A.: *Direito, Legislação e Liberdade*, vol. I. São Paulo: Visão, 1985 Capítulo 2.

⁵ MENGER, Carl: *Princípios de Economia Política (com introdução de F. A. Hayek)*, São Paulo, Abril, 1983

⁶ BOETTKE, Peter: *Living Economics: yesterday, today and tomorrow (Independent Studies in Political Economy, Independent Institute — Universidad Francisco Marroquin, 2012*

condicionam. E, mais que tudo, a Ciência Econômica não é um corpo consolidado e inerte, mas é algo que vive, vale dizer, transforma-se e se aprimora ao longo do tempo.

Por isso, por exemplo, *kirznerianos*, *rothbardianos* e *lachmannianos* são apenas rótulos usados para caracterizar indivíduos e suas contribuições, assim como *misesianos* e *hayekianos* são meras etiquetas utilizadas por amigos e inimigos das respectivas vertentes de pensamento dentro da Escola Austríaca moderna. Na verdade, a Economia Austríaca contemporânea deve ser tratada como um *programa de pesquisas progressivo* e não como um corpo resolvido de pensamento e esse é o único caminho acadêmico correto a seguir. Ora, isso significa que não devemos nos preocupar com a fidelidade às obras de qualquer pensador passado ou presente, mas em buscar a verdade, tal como a enxergamos.

Essa visão - como sabemos -, não é nova: era como Mises e Hayek enxergavam as ciências sociais. O cruzamento das ideias de Menger e Böhm-Bawerk com as dos economistas ingleses clássicos, com Wicksteed (e suas tinturas austríacas) ou mesmo Mill (cuja famosa *quarta proposição fundamental* influenciou a Teoria Austríaca do Capital), com economistas suecos, como Wicksell (de quem a Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos absorveu o conceito de *taxa natural de juros*), franceses, como Turgot e Bastiat, belgas como De Molinari, italianos, como Bandini, Galiani e Delfico, espanhóis (como a maioria dos mais proeminentes pós-escolásticos e, no século XIX, Jaime Balmes) e americanos (como Knight e Clark), era a melhor alternativa que Mises e Hayek vislumbravam a respeito da atividade intelectual de um economista. Esse cruzamento não significa completa concordância ou consistência, mas sim uma seleção capaz de melhorar as concepções sobre a economia.

A compreensão de textos escritos há cem, duzentos, trezentos ou mais anos, pressupõe a compreensão tanto do que seus autores tinham a intenção de dizer, como de como esses autores desejavam que suas ideias fossem interpretadas. Logo, a capacidade de compreender um texto deve ser também a de compreender sua intenção genuína e a de como deve ser entendida nos contextos da época em que foi escrito e no atual.

O autor, no momento em que escreveu para o público que pretendia alcançar, desejava comunicar alguma ideia ou proposta. Portanto, o objetivo essencial de qualquer tentativa de compreender as afirmativas de um pensador deve ser o de identificar essa sua intenção complexa. A metodologia apropriada para a história das ideias deve se preocupar primariamente com a demarcação de todo o conjunto de comunicações que poderia ter sido convencionalmente realizado por ocasião do enunciado escrito pelo autor e, depois, com o

delineamento das relações entre esse enunciado e o contexto linguístico mais amplo, como um meio de decodificar a intenção real do pensador.

A *mitologia da coerência*, que sugere que as doutrinas são corpos de pensamento unificados, dá origem a uma crença quase metafísica, que leva a se esperar de um escritor que não apenas mostre coerência *interna* - que se transforma, assim, em um pretense *dever* de cada intérprete revelar -, mas também que todas as barreiras aparentes a essa revelação, constituídas por quaisquer contradições aparentes que o trabalho do escritor possa conter, não podem ser obstáculos de fato, simplesmente porque não podem existir contradições.

Uma vítima constante dessa *mitologia da coerência*, inclusive por parte de muitos austríacos, é Hayek. Há diversas críticas a ele no sentido de que teria sido um “social democrata” ou um “intervencionista”, o que os leva a classificá-lo simplesmente como um teórico liberal do século XX; mas esses críticos costumam deixar em segundo plano o fato de que os pontos de vista dele e, principalmente, o público para quem escrevia e as circunstâncias da época em que tinha quarenta anos, em plena era dos autoritarismos, eram completamente diferentes de seus pontos de vista, do público e das circunstâncias existentes quando ele tinha oitenta ou noventa anos.

Skinner explica que se podem identificar dois postulados positivos e gerais. O primeiro diz respeito aos métodos adequados para estudar a história das ideias: por um lado, é um erro escrever biografias intelectuais concentrando-se nas obras de um determinado escritor, ou escrever histórias de ideias analisando a morfologia de um determinado conceito ao longo do tempo. Esse tipo de estudo é inadequado. Por outro lado, isso não nos permite concluir, como às vezes se afirma, que nenhuma forma particular de se estudar a história das ideias é mais satisfatória do que qualquer outra. O historiador inglês sugere então uma metodologia alternativa, que não seja sujeita a qualquer dessas inadequações: e propõe que a compreensão de textos pressupõe - como ressaltamos linhas atrás - a compreensão tanto do que eles tinham a intenção de dizer e de como este significado era destinado pelo autor a ser tomado.

Outra observação importante refere-se ao valor de se estudar a história das ideias. A possibilidade mais interessante, ao discutir tanto as causas das ações como as condições para compreender as propostas científicas, é a de um diálogo entre a discussão filosófica e as evidências históricas.

Skinner sugere um ponto importante sobre o valor filosófico de se estudar a história das ideias. Por um lado ele deixa claro que qualquer tentativa de justificar o estudo do tema em termos de *problemas perenes e verdades universais* a serem aprendidas com os textos clássicos é ingênuo. Qualquer declaração de princípios é inevitavelmente a personificação de uma intenção particular, em uma ocasião especial, dirigida à solução de um problema particular, e, portanto, específica para a sua situação, de tal modo que tentar ignorar esse fato só pode ser sinal de ingenuidade.

A implicação principal disso é que não é meramente que os textos clássicos não possam estar preocupados com as nossas perguntas e respostas, mas apenas com as de seus próprios autores; há também, a de que só existem respostas individuais a questões individuais, com tantas respostas quantas questões diferentes e tantas perguntas quanto questionadores diferentes. Não há, conseqüentemente, nenhuma esperança de buscar o ponto certo no estudo da história das ideias pela tentativa de aprender diretamente com os autores clássicos, concentrando-se em suas tentativas de respostas a perguntas supostamente intemporais.

Exigir da história do pensamento uma solução para problemas imediatos é incorrer em uma falácia não apenas metodológica, mas, no dizer de Skinner, em *erro moral*. Porém, aprender com o passado - que jamais pode ser aprendido totalmente - a distinção entre o que é necessário e o que é produto apenas de nossas próprias dúvidas momentâneas é a chave para nossa própria autoconsciência. Estas são as linhas gerais da abordagem alternativa sugerida por Skinner.

Murray Rothbard ⁷ lembra que em toda a obra de Mises está presente a tese de que *são as ideias que fazem a história, e não a história que faz as ideias*. Mises sabia que apenas ideias com bases sólidas podem sustentar programas econômicos e políticos de ação capazes de alcançar os resultados desejados. E sabia, naturalmente, que ideias derivadas de premissas e lógicas equivocadas levam necessariamente a interpretações errôneas da realidade e que dessas ideias resultarão resultados menos desejáveis do que o estado de coisas anterior.

O Prof. José Manuel Moreira ⁸, em sua tese de doutoramento, no terceiro tópico do capítulo I, em que trata de teoria e história, ressalta com muita propriedade que:

⁷ ROTHBARD, Murray: Prefácio a *Theory and History*, de Ludwig von Mises [encontrado em <http://mises.org/Books/theoryhistory.pdf>]

⁸ MOREIRA, JOSÉ M.: *Filosofia e metodologia da economia em F. A. Hayek – ou a descoberta de um caminho “terceiro” para a compreensão e melhoria da ordem alargada da interação humana* [Universidade do Porto, 1994, terceiro tópico do capítulo I], *edição resumida*.

“Hayek defenderá a complementaridade do tratamento histórico e teórico, mas ao mesmo tempo manterá que a aspiração a tornar a história uma ciência teórica é em si contraditória com uma outra exigência defendida por muitos historicistas (e particularmente pelos marxistas), a de que a teoria deveria sempre ser histórica”.

Hayek não negava que a História lida com eventos únicos, singulares e isolados, mas sabia que isso não é uma característica exclusiva da história da humanidade. Por essa razão, enfatizava que a distinção entre *teoria* e *história* não tem conexão com a diferença entre os objetos concretos utilizados pelos dois métodos e que, portanto, as duas espécies de conhecimento são necessárias para que possamos compreender os fenômenos concretos, tanto da natureza como da sociedade humana.

Paul Veyne ⁹, conforme observa Kaplan ¹⁰ nega que a história seja uma ciência social, já que qualquer ciência verdadeira utiliza um conjunto de abstrações como objeto, enquanto a História os fixa em elementos particulares concretos. Sugere que o historiador os compõe como "verdadeiras novelas" e assim se parece mais com um romancista do que com um cientista. Isto porque, como o romancista cria ficções às quais se esforça para dar uma aparência de verdade, ele pode ter que realizar sua pesquisa em documentos semelhantes aos estudados normalmente pelo historiador. Este, obviamente, não precisa criar personagens ou incidentes, mas, tal como o romancista, tem que decidir sobre algum "enredo" que se encaixe em sua narrativa. A tese de Veyne, endossada por, Kaplan é que uma ciência do homem é possível e até certo ponto já existe, mas a história não é e não pode ser essa ciência, pois esta deve - como Mises, Hayek e Schumpeter sustentavam - ser praxeológica.

Meu modesto livro procura abordar as origens da Escola Austríaca. Sempre ficamos felizes quando temos a oportunidade de tomar conhecimento de informações que nos ajudem a sabermos de onde viemos, quais são nossas origens e de quem descendemos, tais como quem foram os avós de nossos avós, quem eram os nossos tetravós e também o que faziam e o que pensavam seus antepassados.

É bastante simples. Seus doze capítulos percorrem os principais pensadores que, a meu ver, podem ser considerados como *protoaustríacos*, desde os *pós-escolásticos* (especialmente os

⁹ VEYNE, Paul: *Writing History: Essay on Epistemology*. Manchester University Press, Jan 1, 1984

¹⁰ KAPLAN, Edward F.: Resenha do livro *Writing History: Essay on Epistemology* ao livro de Paul Veyne, *Writing History: Essay on Epistemology* (Middletown, Conn. Wesleyan University Press, 1984 (ed. original em francês, de 1971, publicada em *The Review of Austrian Economics*, Volume 1. Ludwig von Mises Institute, 1987, iBook)

da Universidade de Salamanca) até Gustave De Molinari, o pai do *anarquismo de mercado* ou *anarcocapitalismo*, finalizando com o primeiro *austríaco*, Carl Menger. Cada capítulo descreve dados gerais sobre o autor, apresenta sua pequena biografia, procura discutir seu pensamento e em seguida ressaltar seus elementos *austríacos*, finalizando com observações gerais a título de conclusão.

O critério utilizado para a seleção dos autores foi a combinação conjunta dos elementos que acreditei melhor descreverem o pensamento austríaco em meu livro *Ação, Tempo e Conhecimento: a Escola Austríaca de Economia*.¹¹

Passemos, então, a um resumo dos capítulos.

A tradição protoaustríaca, objeto do primeiro capítulo, data do século XV¹², quando os herdeiros de São Tomás de Aquino, que escreviam e lecionavam principalmente na Universidade de Salamanca, na Espanha, procuraram entender e explicar a completa extensão da ação humana e da organização social. Esses pós-*escolásticos* perceberam a existência de *leis econômicas* - forças de causa e efeito. Durante várias gerações, explicaram as leis da oferta e da demanda, as causas da inflação, o comércio, o funcionamento das taxas de câmbio, as taxas de juros e a natureza subjetiva do valor econômico. Foram sem dúvida os primeiros verdadeiros economistas!

Os pós-escolásticos eram defensores dos direitos de propriedade e da liberdade de comércio e de contrato; ressaltavam a contribuição que os negócios traziam para a sociedade, ao mesmo tempo em que se opunham tenazmente aos impostos, controles de preços e regulamentações que inibiam a livre iniciativa. Como teólogos morais, incitavam governos a seguirem a postura ética de condenação ao roubo e ao homicídio. E foram, 400 anos antes, fiéis à regra de Ludwig von Mises: a principal função de um economista é dizer aos governos o que eles **não** podem fazer.

¹¹ IORIO, Ubiratan Jorge. *Ação, Tempo e Conhecimento: a Escola Austríaca de Economia*. Instituto Mises Brasil, São Paulo, 2ª ed., Introdução, em que defino a Escola Austríaca como tendo um núcleo ou tríade central, formada pelos conceitos de ação, tempo e conhecimento e três elementos de propagação, a saber, a concepção de utilidade marginal, o subjetivismo e o conceito de ordens espontâneas.

¹² Três dos principais livros sobre a contribuição dos pós-escolásticos são: GRICE-HUTCHINSON, Marjorie. *The School of Salamanca – Readings in Spanish Monetary Theory – 1544-1605*, Oxford at Clarendon Press, London, 1952, disponível na forma de eBook em: www.mises.org.br; CHAFUEN, Alejandro A. *Economia y Ética: Raíces Cristianas de la Economía de Libre Mercado*, Rialp, Madrid, 1991; e ROTHBARD, Murray. *Economic Thought Before Adam Smith: An Austrian Perspective on the History of Economic Thought*, vol. I, Elgar, 1995

Os nomes principais ¹³ são os de São Bernardino de Sena, Santo Antonino de Florença, Tommaso De Vio (o Cardeal Gaetano), Diego de Covarrubias e Leyva, Luis Saravia de La Calle, Luis de Molina, Jerónimo Castillo de Bovadilla, Juan de Lugo, Francisco Suarez, Juan de Salas, Martín de Azpilcueta (o Dr. Navarro), Juan de Mariana, Tomás de Mercado, Leonardo Léssio e Juan de Lugo.

Observando o pensamento econômico dos pós-escolásticos, vemos com clareza praticamente todas as características - algumas em forma latente e outras já bastante desenvolvidas - da Escola Austríaca de Economia: subjetivismo, individualismo, inflação e ciclos econômicos como fenômenos causados por distúrbios monetários, propriedade privada, mercados como processos, axioma da ação humana, preferências intertemporais, união entre Ética, Política e Economia (interdisciplinaridade), ordens espontâneas, liberdade de preços, livre comércio, informações insuficientes, dispersas e interpretadas subjetivamente e tempo real (não newtoniano).

Creio que as principais conclusões a extrair da teoria econômica da Escola de Salamanca é que suas raízes são católicas, essencialmente ibéricas (ou, mais amplamente, continentais) e que algumas das principais ideias da teoria econômica moderna têm uma história mais longa do que geralmente se supõe. Não podemos deixar de ficar impressionados com a grande medida de acordo sobre os problemas fundamentais da teoria econômica que uniu aqueles homens de vários países e tempos.

Muitas vezes queremos ler nossas próprias ideias em trabalhos de escritores mais velhos; e muitas vezes também a literatura econômica antiga agora nos parece remota sob o ângulo de nossas próprias formas de pensamento e por isso não nos desperta muito interesse. Com isso, a história das doutrinas econômicas passa a ser considerada como um luxo, uma coisa supérflua ou desnecessária, já que os refinamentos - especialmente a elegância formal dos modelos matemáticos da teoria moderna - não têm tempo a perder com essas coisas. Infelizmente, os economistas, nos últimos 120 anos, vêm apresentando a lamentável tendência de desprezar os autores do passado e isso vem se acelerando a partir da segunda metade do século XX, quando as técnicas econométricas se desenvolveram rapidamente e os computadores e *softwares* matemáticos foram popularizados.

¹³ Em ordem cronológica

O segundo capítulo é dedicado a Salustio Bandini (1677-1760), cujas principais ideias foram: poucas regulamentações e pautadas pela simplicidade; a falta de liberdade como causa da fome, a rapidez e a facilidade de comércio como causa da riqueza, a abundância de dinheiro artificial como nociva, um imposto único (sobre a terra), crítica à política fiscal, à administração pública e aos obstáculos ao livre comércio, o imposto especial de consumo como inútil e nocivo, o imposto sobre o sal e as proibições às armas, tabaco, jogos de cartas, pregos e ferro, idem. elaborou um plano para a eliminação da dívida pública. E, ainda, reprovou qualquer forma de tributação indireta e criticou a política econômica baseada na identificação da riqueza dos estados-cidades com a simples disponibilidade de metais preciosos e preocupada apenas em defender o valor intrínseco da moeda; reconheceu a importância instrumental da moeda nos processos de troca, tal como o próprio Menger; formulou considerações importantes sobre a natureza da riqueza e da função da moeda, como a tese - que comungava com Boisguilbert -, de que não é a escassez de moeda que provoca a queda dos preços, mas sim que preços altos são consequência de excesso de moeda em circulação; e, para muitos, foi o criador das *cambiais*, que conhecemos hoje como letras de câmbio.

O terceiro mostra Anne Robert Jacques Turgot (1727-1781), um dos fundadores da Ciência Econômica, com suas teorias do valor, trocas e preços, da produção e distribuição, do capital, empreendedorismo, poupança e taxa de juros, teoria monetária e seu pioneirismo na defesa do *princípio da subsidiariedade*. A mais notável contribuição de Turgot à teoria econômica foi sua teoria do capital e dos juros, que, em contraste com áreas como a da utilidade, desabrochou praticamente alheia a qualquer contribuição anterior. Além disso, elaborou quase completamente a teoria austríaca do capital e dos juros mais de um século antes dela ter sido estabelecida de forma sistematizada por Eugen von Böhm-Bawerk.

O capítulo IV trata de Ferdinando Galiani (1728-1787) e sua teoria do valor, utilidade e escassez, seu esboço do princípio da utilidade marginal decrescente, seu famoso livro *Della Moneta*, sua teoria dos juros e suas ideias sobre política econômica. Intuiu, bem antes de Balmes, Menger, Jevons e Walras o princípio da utilidade marginal decrescente. Quando Davanzati afirmou que um bezerro vivo é tanto mais nobre e barato do que um bezerro de ouro e que um quilo de pão é mais útil do que um quilo de ouro, Galiani respondeu que "útil" e "menos útil" são conceitos relativos e dependem de circunstâncias individuais.

No quinto, temos o gênio de Richard Cantillon (168?-1734), para muitos o verdadeiro fundador da Ciência Econômica, pois foi o primeiro a publicar um tratado em que apresentava a economia em bases organizadas e científicas, o *Essay sur la nature du commerce en général*, escrito por volta de 1730 e publicado em França em 1755 e, portanto, cerca de 46 anos antes da *Riqueza das Nações*, de 1776. As suas concepções sobre economia, empreendedorismo, críticas ao mercantilismo, economia monetária e reservas fracionárias, comércio exterior e taxas de câmbio, sistema de preços e ciclos econômicos eram extremamente avançadas para a época. Para Thornton ¹⁴, a característica mais marcante da teoria de Cantillon é que a intervenção do governo é a causa do ciclo de negócios. Depois que examinou e rejeitou todas as causas endógenas, Cantillon enfatizou que o governo e a manipulação - seja da moeda ou das ações do banco estatal [banco central, nos dias atuais] são a causa inicial do ciclo de negócios. Em sua análise do que hoje chamamos de *efeito Cantillon*, ele mostrou como estas intervenções provocam a má alocação de capital e uma redistribuição de renda. Duzentos anos antes de Mises e Hayek.

Melchiorre Delfico (1744-1835) é mostrado no sexto capítulo, no Iluminismo napolitano, na defesa da liberdade e economia de mercado, no Estado como causa da fome na brilhante defesa da Abolição das alfândegas, entre outros temas.

O seguinte é dedicado a Jean-Baptiste Say (1767-1832): teoria monetária e bancária, a famosa “Lei de Say”: a oferta (venda) de X cria a demanda por (pela compra de) Y e seus *insights* de empreendedorismo, taxas de juros, tributação e direitos de propriedade. Neste capítulo procuro retratar o verdadeiro Say (e não a caricatura que dele fizeram Marx e Keynes, entre outros).

No capítulo VIII, temos Frédéric Bastiat (1801–1850), um dos maiores economistas de todos os tempos: em *A petição*, levou ao ridículo os protecionistas; em *A janela quebrada*, mostrou as falácias do *keynesianismo* cem anos antes que este surgisse; e em *O que se vê* demoliu com palavras simples a concepção de que os economistas devem preocupar-se apenas com o curto prazo. Mas Bastiat foi muito além em *A Lei*. Foi um senhor economista e que escrevia de modo simples e direto, algo raro na profissão.

¹⁴ THORNTON, M. *Cantillon on the cause of business cycle*, publicado no The Quarterly Journal of Austrian Economics, vol. 9, n 3, outono de 2006, pp. 45-60

O capítulo IX mostra que o sacerdote catalão Jaime Balmes (1810-1848) foi o primeiro a desvendar claramente o *paradoxo do valor* e a descobrir a lei da utilidade marginal ¹⁵, antecipando em dez anos a solução de Gossen e em vinte e sete anos a de Menger, Jevons e Walras. Em seu pensamento econômico, filosófico, político e moral há traços bem marcantes dos pós-escolásticos e da tradição fundada por Menger, que a meu ver são mais do que suficientes para qualificar Balmes como um de seus antecessores mais ilustres.

No décimo, relatamos o pensamento de Hermann Heinrich Gossen (1810-1858), que antecipou Menger, Jevons e Walras (porém publicou depois de Balmes) no princípio da utilidade marginal decrescente e a partir deste derivou o seguinte teorema: para maximizar a utilidade, uma determinada quantidade de um bem deve ser dividida entre os diferentes usos de tal maneira que as utilidades marginais em relação aos preços de cada bem sejam iguais em todos os usos.

No capítulo XI analisamos Gustave De Molinari (1819-1912), o primeiro *anarcocapitalista* ou *anarquista de mercado*, um ferrenho defensor da liberdade, a partir de um interessante artigo do Professor italiano Carlo Lottieri. ¹⁶ Foi um radical, mas escreveu sempre dentro das fronteiras da lógica, respeitando as imposições desta e a realidade dos fatos.

Por fim, o derradeiro capítulo é dedicado a Carl Menger (1840-1921), considerado o fundador da moderna Escola Austríaca, exatamente por ter sido o primeiro *austríaco* completo (ver nota de rodapé número 11). Menger não foi apenas um revolucionário: foi um revolucionário vitorioso. Derrubou, com *insights* científicos lógicos, mitos que infestavam a economia há séculos. Sua obra, bem como a de seus antecessores e a dos seus sucessores, precisa urgentemente ser divulgada para muitos outros economistas em formação (pois os “velhos” dificilmente abandonam os padrões que aprenderam e que passam suas vidas inteiras repetindo) e também para qualquer pessoa que se interesse pelas ciências humanas em geral.

¹⁵ Cf. CHAFUEN, Alejandro A.: Roman Catholic authors and the free society : Jaime Balmes (1810-1848). In: <http://www.chafuen.com/catholiceconomicsexixcentury/jaime-balmes> e DE SOTO, Jesús H.: *A Escola Austríaca*, IMB-Causa Liberal (trad. de André Azevedo Alves para a Causa Liberal), cap. 3, disponível em: <http://www.mises.org.br/EbookChapter.aspx?id=218>

¹⁶ LOTTIERI, Carlo. *Ciò che è vivo e ciò che è morto in Gustave de Molinari*. In: Gustave de Molinari, *Le serate di rue Saint-Lazare*. Macerata, Italia. Liberilibri, 2009. (pp .361-408)

Esta é a tarefa de todos nós aqui e de todos os que prezam a liberdade!